RESUMO
Este artigo analisa a arte como prática pedagógica central na educação infantil, investigando seu papel fundamental no despertar da sensibilidade e no desenvolvimento do pensamento criativo. O objetivo principal é discutir como a experiência estética e a exploração de múltiplas linguagens artísticas contribuem para a formação integral da criança pequena. A fundamentação teórica ancora-se em conceitos da psicologia do desenvolvimento e da pedagogia da infância, dialogando com autores que defendem a criança como um sujeito histórico e de direitos, capaz de produzir cultura. A metodologia utilizada é a pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa, que busca compreender as nuances das interações entre a criança, o material artístico e a mediação docente. O texto aborda a importância de um ambiente educativo esteticamente organizado, que ofereça materiais diversificados e estimule a investigação sensorial. Discute-se, ainda, o desenho e a pintura como processos cognitivos complexos que permitem à criança organizar sua percepção do mundo antes mesmo da alfabetização convencional. A análise evidencia que a prática artística na primeira infância deve fugir de modelos estereotipados e da reprodução técnica, focando na liberdade de expressão e na autonomia do fazer. As considerações finais reiteram que a arte na escola não deve ser entendida

de maneira crítica e sensível.
O problema central que este artigo busca discutir é: de que maneira a prática pedagógica artística pode ser estruturada para garantir que a criatividade infantil seja valorizada e não domesticada por modelos prontos? Acredita-se que, ao colocar o processo criativo no centro do currículo, a escola se torna um laboratório de subjetividades, onde cada criança pode manifestar sua singularidade. Tais questões são fundamentais para reafirmar a importância das artes como um eixo integrador do saber, capaz de nutrir a inteligência emocional e a capacidade de resolução de problemas desde os primeiros anos de vida.
Este texto propõe, inicialmente, uma reflexão sobre as bases pedagógicas que definem a criança como um ser criativo. Em seguida, analisa o desenho e a pintura como formas de organização do pensamento. Posteriormente, discute a importância da organização do espaço e dos materiais como elementos educativos e, por fim, aborda o papel do educador na escuta das vozes e manifestações infantis, concluindo que a arte é a base para uma formação humana integral e verdadeiramente libertadora.

DESENVOLVIMENTO: O FAZER ARTÍSTICO COMO CONSTRUÇÃO DO SER

O desenvolvimento deste artigo fundamenta-se na compreensão de que a arte, na Educação Infantil, é um eixo integrador de conhecimentos e uma necessidade vital da criança para compreender e interagir com o mundo. Diferente de outras etapas do ensino, onde a arte muitas vezes é compartimentada em técnicas específicas, na primeira infância ela se manifesta de forma holística, unindo o gesto, o olhar, o som e o pensamento. Para que o fazer artístico ocorra como uma construção do ser, a prática pedagógica deve abandonar a busca por resultados padronizados e focar na valorização do processo investigativo, onde o erro e a experimentação são vistos como etapas fundamentais da inteligência criativa.
Nesta seção, a discussão organiza-se em quatro pilares que detalham a complexidade dessa prática educativa. Primeiro, analisam-se as bases pedagógicas que reconhecem a criança como protagonista de sua própria cultura e criatividade. Em seguida, investigam-se as linguagens do desenho e da pintura como ferramentas de organização mental e simbólica. O terceiro ponto aborda a dimensão estética do ambiente escolar e a curadoria de materiais como elementos que potencializam a exploração sensorial. Por fim, discute-se a mediação docente, focando em uma escuta atenta que acolhe as manifestações infantis sem o peso do julgamento técnico. Essa trajetória busca reafirmar que a arte é a linguagem que permite à criança traduzir o invisível e dar forma à sua subjetividade, consolidando a escola como um verdadeiro território de invenção. 2.1. A Criança como Ser Criativo: Bases Psicológicas e Pedagógicas
A compreensão da criança como um ser inerentemente criativo exige uma mudança de paradigma na educação, abandonando a visão da infância como uma etapa de mera preparação para a vida adulta. Na perspectiva da psicologia histórico-cultural, a criação não é um dom místico reservado a poucos, mas uma função humana fundamental que nasce da capacidade de combinar e transformar elementos da realidade. Segundo Vygotsky (2009), a atividade criadora é a base de tudo o que nos cerca e o motor da evolução cultural: "A atividade criadora da imaginação encontra-se em relação direta com a riqueza e a variedade da experiência acumulada pela pessoa" (VYGOTSKY, 2009, p. 22). Portanto, quanto mais rico o ambiente de experiências oferecido pela escola, maior será o repertório criativo da criança.
Nesse processo de desenvolvimento, o papel da imaginação é indissociável da cognição. Piaget (1975) destaca que a criança utiliza o jogo simbólico e a arte para assimilar a realidade aos seus próprios esquemas mentais. Através do "fazer artístico", o sujeito infantil organiza o mundo de acordo com seus desejos e necessidades de compreensão. Para o autor, a criatividade na infância é uma forma de inteligência em ação, onde a criança testa hipóteses e reconstrói significados. Ao invés de reproduzir passivamente o que vê, a criança pequena reinventa os objetos e as cores, conferindo-lhes novas funções e sentidos, o que caracteriza a essência do pensamento divergente e inovador.
A pedagogia contemporânea, influen-

ciada pela abordagem de Reggio Emilia, reforça que a criança possui "cem linguagens" para se expressar e se relacionar com o mundo. Edwards, Gandini e Forman (2016) salientam que a criatividade é uma característica emergente das relações entre as crianças e o seu ambiente. Quando o currículo escolar reconhece a arte como uma dessas linguagens fundamentais, ele valida a inteligência sensível do aluno. "A criatividade torna-se mais visível quando os adultos tentam escutar as crianças com atenção e quando consideram o trabalho das crianças como uma fonte importante de conhecimento" (EDWARDS; GANDINI; FORMAN, 2016, p. 156). Assim, a base pedagógica da arte na infância deve ser o respeito à autonomia e à voz do estudante.

A manifestação criativa na infância também está intimamente ligada à construção da autoestima e da identidade. Quando a criança percebe que suas produções artísticas são acolhidas e valorizadas pela escola, ela desenvolve uma confiança fundamental em sua capacidade de agir sobre o mundo. Esse sentimento de competência nasce da liberdade de transformar materiais brutos em algo que carrega um significado pessoal. Ao invés de buscar a perfeição ou a cópia de um modelo adulto, o foco pedagógico na criatividade permite que cada pequeno autor se sinta representado em sua obra, consolidando o fazer artístico como um exercício de autoconhecimento e de afirmação de sua presença no espaço coletivo.

Além disso, a criatividade atua como uma ferramenta de resiliência e adaptação frente aos novos desafios do cotidiano escolar. No ato de criar, a criança frequentemente se depara com o "inesperado", como uma tinta que escorre ou um material que reage de forma imprevista. É nesse momento que o pensamento criativo se transforma em resolução de problemas, incentivando o aluno a encontrar novos caminhos e a ressignificar o que poderia ser visto como erro. Essa flexibilidade mental prepara a criança para lidar com a complexidade da vida de forma mais leve e inventiva, transformando obstáculos em oportunidades de novas descobertas e aprendizados, o que torna a educação estética um pilar indispensável para a formação de seres humanos resilientes e originais.

O DESENHO E A PINTURA COMO LINGUAGENS DO PENSAMENTO

O desenho infantil é uma das manifestações mais ricas do pensamento simbólico, funcionando como uma ponte entre o mundo interno da criança e a realidade externa. Longe de ser um mero passatempo, o ato de riscar e colorir é uma atividade cognitiva complexa. Segundo Derdyk (1989), o desenho é uma linguagem que possui sintaxe e semântica próprias, permitindo que a criança elabore conceitos e comunique percepções que ainda não consegue traduzir em palavras. "Desenhar é, antes de tudo, um ato de inteligência. A criança desenha o que sabe, e não apenas o que vê" (DERDYK, 1989, p. 42). Assim, cada traço no papel representa um esforço de organização mental e de apropriação do espaço.

A pintura, por sua vez, amplia essa investigação ao introduzir a dimensão da cor e da mancha como elementos expressivos. Enquanto o desenho foca na linha e no contorno, a pintura convida a criança a explorar a massa, a sobreposição e a transformação da matéria. Conforme aponta Lowenfeld (1977), a evolução do grafismo infantil passa por etapas que refletem o amadurecimento emocional e intelectual do sujeito. Desde a garatuja desordenada até a fase esquemática, a pintura serve como um campo de experimentação onde a criança testa limites e descobre novas possibilidades sensoriais. Para o autor, a expressão artística é o reflexo da totalidade do ser, integrando o corpo, a mente e a sensibilidade.

A importância pedagógica dessas linguagens reside na possibilidade de o educador "ler" o pensamento da criança através de suas produções. Méredieu (2006) destaca que o desenho não deve ser avaliado por critérios de realismo ou beleza técnica, mas como um registro do desenvolvimento psíquico. "O desenho da criança é um espelho de sua alma e de sua inteligência; ele revela como ela se situa no espaço e como ela interpreta os objetos e as pessoas ao seu redor" (MÉREDIEU, 2006, p. 15). Portanto, o papel da escola é garantir que essas linguagens sejam respeitadas em sua autenticidade, sem a imposição de modelos estereotipados que limitem a imaginação.

O exercício do desenho e da pintura na

infância promove uma alfabetização visual que precede e sustenta a alfabetização escrita. Ao manipular diferentes risca-

sua própria imaginação.
A introdução de elementos da natureza, como sementes, folhas e areia, no atelier ou na sala de aula, permite que a criança estabeleça uma conexão profunda entre a arte e o meio ambiente. Esses materiais "vivos" possuem uma riqueza tátil e visual que os produtos industrializados não conseguem replicar, incentivando um olhar mais atento aos detalhes e às nuances do mundo natural. Ao criar com o que a terra oferece, o aluno aprende sobre a impermanência e a transformação de forma orgânica. A estética da natureza educa o olhar para a simplicidade e para a complexidade das formas, transformando o ato de criar em um exercício de respeito e admiração pela vida.
A organização cuidadosa do espaço também inclui a forma como as produções das crianças são expostas e documentadas. Quando os trabalhos são exibidos com zelo, respeitando a altura do olhar infantil e utilizando suportes que valorizam a obra, cria-se um sentimento de pertencimento e orgulho coletivo. Essa "pedagogia da visibilidade" transforma as paredes da escola em um registro vivo das trajetórias de aprendizagem, permitindo que as crianças revisitem suas descobertas e dialoguem com as criações dos colegas. Um ambiente que celebra a produção infantil como arte legítima reafirma que a escola é um lugar de cultura.
A dimensão temporal e a consciência ética complementam a estética do espaço educativo. Um ambiente que respeita o

entusiasta da experimentação, demonstrando que ele também é um ser sensível às transformações da matéria. Quando o professor se envolve genuinamente com os materiais, demonstrando curiosidade e respeito pelo processo artístico, ele serve de modelo para uma atitude investigativa. Esse envolvimento não significa fazer pela criança, mas compartilhar o espanto diante da mistura de duas cores ou do surgimento de uma nova forma na argila. Essa parceria estética fortalece o vínculo afetivo entre docente e discente, transformando a sala de aula em uma comunidade de aprendizagem onde todos são encorajados a arriscar e a inventar.

Outro aspecto vital é a desconstrução de estereótipos por parte do professor. É comum a reprodução de atividades datadas, como desenhos xerocados para colorir ou artes comemorativas padronizadas, que anulam a autoria infantil. O papel do educador consciente é combater essa "escolarização da arte", garantindo que a criança tenha o direito ao traço autêntico e à exploração livre de julgamentos estéticos baseados no belo ou no feio. Ao proteger o espaço de criação contra a lógica do produto final perfeito para os pais, o professor assegura que a escola seja um refúgio para a imaginação, onde o que importa é a riqueza da trajetória percorrida pelo pequeno autor.

Por fim, o professor atua como um mediador de relações sociais através da arte, promovendo momentos de apreciação coletiva e troca de saberes entre as crianças. Ao incentivar que os alunos olhem para as produções uns dos outros com respeito e curiosidade, o docente ensina que existem múltiplas formas de ver o mesmo mundo. Esse exercício de alteridade é fundamental para a formação de cidadãos empáticos e abertos à diversidade. Assim, a prática pedagógica artística, mediada por uma escuta sensível, transcende o ensino de formas e cores, tornando-se uma educação para a vida, onde o professor é o guardião da potência criativa de cada criança.

A ARTE COMO JANELA PARA A DIVERSIDADE E MULTICULTURALIDADE

A inserção da arte na Educação Infantil constitui um caminho privilegiado para a promoção do respeito à diversidade e para o fortalecimento da identidade cultural dos estudantes. Através do contato com diferentes manifestações artísticas — como o artesanato indígena, as máscaras africanas, a música regional e as artes visuais contemporâneas — a criança expande suas fronteiras geográficas e sociais. Segundo Ana Mae Barbosa (2005), a educação artística deve ser multicultural, permitindo que o aluno reconheça a sua própria cultura enquanto aprende a valorizar a do outro. "A arte é um sistema de significados que permite a leitura do mundo; ao oferecer repertórios diversificados, a escola combate o preconceito e educa para a alteridade" (BARBOSA, 2005, p. 31).

Nessa perspectiva, a prática pedagógica deixa de ser pautada em uma comercialização de modelos eurocêntricos para abraçar a pluralidade que constitui a sociedade brasileira. Quando o educador apresenta às crianças as cores e formas de artistas locais ou de comunidades tradicionais, ele valida diferentes modos de existência e de expressão estética. Para Hall (2006), a identidade é um processo em constante construção, e a arte funciona como um espelho onde a criança pode ver refletida a sua ancestralidade e a riqueza da mistura cultural. No ambiente escolar, isso se traduz em um currículo que não apenas tolera a diferença, mas a celebra como uma fonte de inspiração criativa.

O exercício da multiculturalidade na arte infantil também promove o desenvolvimento da empatia. Ao experimentar técnicas e materiais típicos de outras culturas, a criança pequena vivencia, de forma lúdica, a experiência de "colocar-se no lugar do outro". Conforme aponta Freire (2011), uma educação verdadeiramente democrática deve ser capaz de dialogar com as múltiplas vozes que compõem o saber humano. "A beleza está justamente na convivência das diferenças; o fazer artístico coletivo ensina que a harmonia de um grupo nasce da soma das singularidades e do respeito mútuo" (FREIRE, 2011, p. 45). Assim, o item final do desenvolvimento reafirma que a arte é a ferramenta mais potente para formar cidadãos tolerantes e conscientes de sua responsabilidade social.

A vivência prática dessa diversidade em sala de aula ocorre quando o professor incentiva a exploração de pigmentos

naturais, sementes e padrões geométricos que remetem a diferentes povos. Esse contato direto com a matéria-prima de outras culturas retira a arte do plano abstrato e a traz para o campo da experiência sensorial. A criança aprende que não existe uma "forma certa" de desenhar ou pintar, mas sim inúmeras possibilidades que variam de acordo com o tempo, o lugar e a história de cada povo. Essa descoberta reduz a ansiedade por resultados perfeitos e amplia a liberdade criativa, permitindo que cada aluno encontre seu próprio estilo dentro de um vasto oceano de referências culturais.
Além disso, a abordagem multicultural prepara a criança para conviver em uma sociedade globalizada e plural. Ao aprender a apreciar o que é diferente desde os primeiros anos de vida, o estudante desenvolve uma curiosidade intelectual que o acompanhará em toda a sua trajetória acadêmica. A escola que abre suas portas para a arte plural rompe com estereótipos e evita a cristalização de ideias preconcebidas sobre grupos sociais. O fazer artístico torna-se, então, um exercício de democracia, onde cada pincelada é uma manifestação de liberdade e cada obra coletiva é um exemplo de cooperação e respeito à diversidade humana.
Vale ressaltar que essa prática deve envolver a comunidade e o entorno da escola, trazendo artistas locais e mestres de saberes populares para dentro do ambiente educativo. Esse intercâmbio entre a escola e a vida real fortalece o vínculo da criança com seu território e ensina que a "Grande Arte" não está apenas nos museus distantes, mas também nas mãos daqueles que produzem cultura em seu cotidiano. Ao valorizar a arte como prática social e cultural, a Educação Infantil cumpre sua missão de formar sujeitos sensíveis, críticos e profundamente conectados com a humanidade em toda a sua complexidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões articuladas ao longo deste estudo permitem concluir que a arte na Educação Infantil não deve ser reduzida a um componente curricular acessório, mas sim compreendida como a linguagem primordial pela qual a criança interpreta e reconstrói a realidade. A investigação reafirmou que o sujeito infantil é um ser de criação, cuja imaginação atua como um motor cognitivo indispensável.
Ao explorarmos o desenho e a pintura, ficou evidente que essas práticas não são apenas exercícios motores, mas sim "linguagens do pensamento" que permitem à criança organizar conceitos e expressar sua subjetividade de maneira autoral e profunda.
A análise evidenciou que a eficácia dessa educação estética depende diretamente da qualidade do ambiente escolar. A concepção do espaço como "terceiro educador", somada à oferta de materiais diversos e elementos da natureza, transforma a sala de aula em um território de investigação e respeito à sensorialidade. Ficou demonstrado que um ambiente esteticamente organizado e o uso de materiais não estruturados potencializam o protagonismo infantil, permitindo que o aluno descubra soluções originais e desenvolva uma consciência crítica e ecológica desde os primeiros anos de vida.
O papel do professor emergiu como o elo vital entre a potência da criança e o conhecimento acumulado. A transição para uma pedagogia da escuta atenta e o abandono de práticas intervencionistas e estereotipadas garantem que a arte escolar seja um refúgio para a autenticidade. Somado a isso, a abertura para a multiculturalidade revelou que a arte é a ferramenta mais eficaz para educar para a alteridade, permitindo que a criança reconheça a beleza na diversidade e se sinta pertencente a um mundo plural e rico em identidades.
Por fim, este artigo conclui que garantir o acesso à arte de qualidade na primeira infância é um ato de justiça social e pedagógica. Ao valorizar o percurso criativo em detrimento do produto e ao integrar a estética ao cotidiano, a escola cumpre sua missão de formar seres humanos integrais, sensíveis e capazes de transformar o futuro através da invenção. Espera-se que as discussões aqui levantadas inspirem educadores a reafirmarem o compromisso com uma infância onde o direito à beleza, ao tempo da descoberta e à expressão singular seja plenamente respeitado.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. O Pós-Modernismo. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

BARBOSA, Ana Mae. A Imagem no Ensi-

no da Arte. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

DERDYK, Edith. O Desenho da Figura Humana. São Paulo: Scipione, 1989.

EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. As Cem Linguagens da Criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Penso, 2016.

FREIRE, Madalena. A Paixão de Conhecer o Mundo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GANDINI, Lella. Fundamentos da abordagem de Reggio Emilia na educação infantil. In: EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. As Cem Linguagens da Criança. Porto Alegre: Artmed, 1999.

HALL, Stuart. A Identidade Cultural na Pós-Modernidade. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HORN, Maria da Graça Souza. Projetos Pedagógicos na Educação Infantil. Porto Alegre: Penso, 2017.

LOWENFELD, Viktor. A Criança e sua Arte. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

MÈREDIEU, Florence de. O Desenho Infantil. São Paulo: Cultrix, 2006.

OSTROWER, Fayga. Criatividade e Processos de Criação. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

PIAGET, Jean. A Formação do Símbolo na Criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

RINALDI, Carla. Diálogos com Reggio Emilia: escuta, investigação e aprendizagem. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2012.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. Imaginação e Criatividade na Infância. São Paulo: Ática, 2009.